

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Sky is Everywhere*

Autora: *Jandy Nelson*

Copyright © 2010 by Jandy Nelson

Edição original publicada por Penguin Group, USA

Edição portuguesa publicada por acordo com Pippin Properties, Inc.
através da agência Rights People, Londres

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *Maria do Carmo Bobone/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, março, 2019

Depósito legal n.º 452 486/19

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO 1

A Avó está preocupada comigo. Não é apenas por a minha irmã Bailey ter morrido há quatro semanas, nem por a minha mãe não me contactar há dezasseis anos, nem sequer porque de repente eu só penso em sexo. Ela está preocupada comigo porque uma das suas plantas de interior tem manchas.

A Avó acreditou durante a maior parte dos meus dezassete anos que aquela planta específica, de uma espécie desinteressante, reflete o meu bem-estar emocional, espiritual e físico. Eu mesma acabei por acreditar nisso.

Do outro lado da sala onde estou sentada, a Avó, com o seu metro e oitenta e vestido às flores, debruça-se sobre as folhas salpicadas de preto.

— Que queres tu dizer com isso de ela poder não recuperar desta vez? — fez a pergunta ao tio Big: arborista, fumador de charros residente, e ainda cientista louco. Ele sabe um pouco de tudo, mas sabe tudo acerca de plantas.

A qualquer outra pessoa pareceria estranho, até mesmo bizarro, que a Avó faça essa pergunta a olhar para mim, mas não ao tio Big, porque também ele me fixa.

— Desta vez o seu estado é grave. — A voz de Big ressoa como vinda de um palco ou de um púlpito; as suas palavras têm uma carga; até mesmo *passa-me o sal*, na sua boca, soa a um dos dez mandamentos.

A Avó leva as mãos à cara num gesto de perturbação, e eu volto a rabiscar um poema nas margens de *O Monte dos Vendavais*. Estou enroscada num canto do sofá. Falar não me interessa, preferia mesmo armazenar cliques na boca.

— Mas a planta sempre arrebitou, Big; quando a Lennie partiu o braço, por exemplo.

— Dessa vez as folhas tinham pontos brancos.

— Ou no outono passado, quando ela fez a audição para primeiro clarinete mas ficou de novo em segundo lugar.

— Pontos castanhos.

— Ou quando...

— Desta vez é diferente.

Levanto os olhos. Eles continuam a fitar-me, num dueto gigante de tristeza e inquietação.

A Avó é o Guru da Jardinagem de Clover. Tem o mais extraordinário jardim da Califórnia do Norte. As suas rosas explodem em cores que ultrapassam um ano inteiro de pores do sol, e a sua fragância é tão inebriante que, segundo uma lenda da cidade, basta respirar o seu perfume para nos apaixonarmos de imediato. Mas apesar dos cuidados e do famoso «dedo verde» da Avó, esta planta parece seguir a trajetória da minha vida, indiferente a tais esforços e à sua própria sensibilidade vegetal.

Pouso o meu livro e a minha caneta em cima da mesa. A Avó inclina-se mais para a planta, sussurra-lhe algo sobre a importância da *joie de vivre* e, depois, com passos pesados, vem sentar-se perto de mim no sofá. Big junta-se também a nós, abatendo a sua enorme estrutura ao lado da Avó. Ficamos assim os três, as cabeleiras hirsutas coroando-nos as cabeças como um bando de corvos negros e luzidios, a olhar para o ar, durante o resto da tarde.

Isto acontece desde que a minha irmã Bailey tombou há um mês, atacada por uma arritmia fatal, durante o ensaio de uma produção local de *Romeu e Julieta*. É como se alguém tivesse aspirado o horizonte enquanto nós olhávamos para o outro lado.

CAPÍTULO 2

Na manhã do dia da sua morte,
Bailey acordou-me
enfiando-me um dedo no ouvido.
Eu detestava que ela fizesse isso.
Então começou a experimentar blusas, perguntando-me:
De qual gostas mais, da verde ou da azul?
Da azul.
Nem sequer olhaste, Lennie.
Ok, a verde. Francamente, estou-me nas tintas
para a blusa que tu vestes...
Depois virei-me na cama e voltei a adormecer.
Descobri mais tarde
que ela vestiu a azul
e essas foram as últimas palavras que lhe dirigi.

(Encontrado escrito no invólucro de um chupa-chupa no caminho para o Rain River)

O primeiro dia do meu regresso à escola é aquilo que eu esperava, o vestíbulo abre-se como o Mar Vermelho à minha entrada, as conversas param, os olhares enchem-se de uma simpatia nervosa, e toda a gente me fita como se eu transportasse nos braços o cadáver de Bailey, o que é sem dúvida verdade. A sua morte cobre-me completamente, eu sinto-a, e todos eles a veem com a nitidez de uma enorme capa preta a envolver-me num belo dia de primavera. Mas o que eu não esperava era o burburinho sem precedentes acerca de um rapaz novo, um certo Joe Fontaine, chegado durante a minha ausência de um mês. Onde quer que vá, é sempre o mesmo:

— Já o viste?

— Parece um cigano.

— Uma estrela de *rock*.

— Um pirata.

— Consta que toca num grupo chamado Dive.

— Que é um génio musical.

— Disseram-me que vivia em Paris.

— Que tocava música nas ruas.

— Já o viste?

Eu já o vi, porque ao voltar para o meu lugar na orquestra, aquele que ocupei durante todo o ano, ele está lá sentado. Apesar do desgosto que me atormenta, os meus olhos sobem ao longo das botas pretas, percorrem os quilómetros de pernas cobertas de ganga e o dorso interminável, até pousarem finalmente no rosto tão animado que me pergunto se terei interrompido uma conversa entre ele e a minha estante.

— Olá — diz ele erguendo-se de um salto. Tem a altura de uma árvore. — Tu deves ser a Lennon. — Aponta o meu nome escrito na cadeira. — Soube de... lamento muito. — Reparo na maneira como ele segura o clarinete, sem o tratar como uma preciosidade, o punho cerrado em volta do barrilete, como uma espada.

— Obrigada — digo eu e cada centímetro da sua face se ilumina num sorriso — uau! Terá ele sido trazido para a nossa escola por um sopro de vento de outro planeta? O tipo exhibe sem complexos o rosto radioso de uma lanterna do Dia das Bruxas, o que não podia estar mais longe da atitude soturna que a maioria de nós procura aperfeiçoar. Tem um amontoado de caracóis castanhos que tombam para todos os

lados e pestanas semelhantes a pernas de aranha, tão espessas e longas que, quando pestaneja, os seus brilhantes olhos verdes parecem visar-nos diretamente. A sua face é mais do que um livro aberto, é uma parede com grafitos, na realidade. Apercebo-me de que estou a escrever «uau» na minha coxa com o dedo, e decido que é tempo de abrir a boca e tirar-nos desta competição improvisada de olhares.

— Toda a gente me trata por Lennie. — Não é muito original mas sempre é melhor do que *gab*, que era a alternativa, e resulta. Ele examina os pés durante um segundo e eu respiro fundo e preparo-me para o segundo *round*.

— De facto tenho-me interrogado acerca disso, Lennon por causa de John? — pergunta ele, mergulhando de novo o seu olhar no meu; é absolutamente possível que eu desmaie. Ou que expluda em chamas.

Aceno afirmativamente.

— A minha mãe era *hippie*. — Afinal, estamos no *norte* da Carolina do Norte, a última fronteira da vagabundagem *hippie*. Só no décimo primeiro ano há uma rapariga que se chama Electricity, um fulano chamado Magic Bus e inúmeras flores: Tulip, Begonia e Poppy — tudo nomes dados pelos pais e constantes das certidões de nascimento. O Tulip é um grandalhão abrutalhado que seria a estrela da equipa de futebol se a nossa escola fosse do género de ter uma equipa de futebol. Não é. Somos o género de escola em que a opção é meditação matinal no ginásio.

— Pois — concorda Joe. — A minha mãe também, e o meu pai, bem como as tias e tios, irmãos, primos... bem-vinda à Comunidade Fontaine.

Solto uma gargalhada.

— Estou a ver. — Mas, uau, de novo: deveria eu rir-me com esta facilidade? E a sensação deveria ser tão boa? É como enfiar-me na água fresca de um rio.

Viro-me para verificar se há alguém a ver-nos, e constato que Sarah acaba de entrar — ou antes, de irromper — na sala de música. Mal a revi desde o funeral e sinto uma pontada de culpa.

— Lennieeee! — Precipita-se para nós, no seu mais puro estilo gótico mesclado de *cowgirl*: vestido *vintage*, preto e justo, botas grossas de *cowboy*, e cabelos louros pintados tão negros que parecem

azuis, tudo completado por um berrante *Stetson*. Noto a velocidade com que se aproxima, e interrogo-me durante um instante se irá mesmo saltar-me para os braços antes de ela o fazer realmente e sermos ambas projetadas contra Joe, que consegue manter o seu equilíbrio — e o nosso —, evitando que voemos todos pela janela.

Isto é a Sarah, em versão contida.

— Boa — murmuro-lhe ao ouvido enquanto ela me abraça com a força de um urso, apesar de ter a constituição de um pássaro. — Como estontear o rapaz novo e deslumbrante. — Ela desata a rir, e é simultaneamente maravilhoso e desconcertante sentir alguém tremer nos meus braços de hilaridade e não de desgosto.

Sarah é a pessoa mais entusiasticamente cínica do planeta. Daria uma chefe de claque perfeita se a noção de espírito académico não lhe repugnasse. É como eu, uma fanática de literatura, mas os seus gostos são mais negros: leu Sartre no décimo ano — *A Náusea* —, altura em que começou a vestir-se de preto (mesmo na praia), a fumar (embora pareça a rapariga mais saudável que já vimos), e a ficar obcecada com a sua crise existencial (apesar de frequentar festas até altas horas).

— Lennie, bom regresso, querida — profere outra voz. Mr. James, a quem eu chamo mentalmente Yoda, tanto pela sua aparência física como pelas suas capacidades de mentor musical, ergue-se do piano e fita-me com a mesma expressão de tristeza insondável que já me habituei a ver nos adultos. — Temos todos imensa pena.

— Obrigada — digo eu, pela enésima vez nesse dia. Sarah e Joe também me observam, Sarah com ar preocupado e Joe com um sorriso grande como a área continental dos Estados Unidos. Pergunto-me se ele olhará assim para toda a gente. Terá um parafuso a menos? Bem, seja lá o que for, é contagioso. Sem dar por isso, arvorou igualmente um sorriso tamanho EUA, a que junto ainda Porto Rico e o Havai. Devo parecer a Enlutada Alegre. Bolas. E não é tudo, porque agora começo a pensar como seria beijá-lo, beijá-lo à séria — uh-oh. Isto em mim é um problema, um problema completamente novo e incaracterístico que começou (*que raio?!*) no funeral: eu ali mergulhada em trevas e de repente todos os rapazes na sala com sorrisos radiantes. Amigos de Bailey, do trabalho ou da faculdade, dos quais eu não conhecia a maior parte, aproximavam-se para me

darem os pêsames. E não sei se por me acharem parecida com Bailey ou por terem pena de mim, mais tarde apanhei alguns a fixarem-me com aquele ar intenso, quase suplicante, e descobri-me a sustentar-lhes os olhares, como se fosse outra pessoa, imbuída de pensamentos que nunca me haviam ocorrido antes, coisas que me mortificam ter pensado numa igreja, e ainda por cima no funeral da minha irmã.

Contudo, este rapaz de sorriso rasgado que se encontra diante de mim parece irradiar um brilho muito especial. Deve vir de uma parte superamistosa da Via Láctea, penso eu tentando apagar da cara este sorriso idiota. Em vez disso, quase exclamo para Sarah «Ele parece-se com o Heathcliff», porque acabo de perceber que é verdade, bem, se excetuarmos o pormenor do sorriso radioso — mas de repente falta-me a respiração e sou atirada ao chão de cimento frio e duro que é a minha vida presente, ao lembrar-me de que não posso correr para casa depois das aulas para contar à Bails que há um rapaz novo na orquestra.

A minha irmã morre repetidamente uma e outra vez ao longo do dia.

— Len? — Sarah toca-me no ombro. — Estás bem?

Aceno, afastando com um esforço de vontade o comboio de desgosto descarrilado que se precipita para mim.

Alguém atrás de nós começa a tocar «Approaching Shark», ou seja, o tema de *O Tubarão*. Viro-me e vejo aproximar-se Rachel Brazile, que murmura «Muito engraçado!» ao passar por Luke Jacobus, o saxofonista responsável pelo acompanhamento. Luke é apenas uma das numerosas vítimas deixadas por Rachel no seu rasto, rapazes enganados pela camuflagem desse horror altaneiro num corpo espetacular, e depois ainda mais iludidos por uns enormes olhos de corça e cabelo à Rapunzel. Eu e Sarah estamos convencidas de que Deus se achava de humor irónico quando a criou.

— Então já conheces O Maestro — diz-me ela, tocando distraidamente nas costas de Joe enquanto desliza para a cadeira do primeiro clarinete, onde eu deveria estar sentada.

Abre o seu estojo e começa a montar o instrumento.

— O Joe estudou num conservatório em *Fronce*. Ele disse-te? — Claro que ela não pronuncia *França* de maneira a rimar com *dança*

como qualquer ser humano normal de língua inglesa. Sinto Sarah eriçar-se a meu lado. Ela tem tolerância zero com Rachel desde que esta conseguiu o lugar de primeiro clarinete em vez de mim, mas Sarah não sabe o que aconteceu realmente; ninguém sabe.

Rachel fixa a abraçadeira à sua boquilha como se tentasse asfiar o instrumento.

— O Joe foi um segundo clarinete *fabuloso* durante a tua ausência — continua ela, arrastando a palavra *fabuloso* daqui até à Torre Eiffel.

Eu não lhe respondo maldosamente: «Encantada por tudo te ter corrido bem, Rachel.» Não digo uma palavra, queria apenas enrolar-me numa bola e desaparecer. Sarah, por outro lado, parece lamentar não ter à mão um machado de guerra.

A sala encheu-se de um clamor de notas dissonantes e escalas.

— Acabem com a afinação, hoje gostaria de começar ao toque da campainha — lança-nos Mr. James do piano. — E peguem nos vossos lápis, fiz algumas alterações ao arranjo.

— É melhor eu ir bater em qualquer coisa — comenta Sarah, fulminando Rachel com um olhar irritado. Afasta-se a espumar para ir martelar os seus timbales.

Rachel encolhe os ombros, sorri a Joe — não, não sorri: cintila — oh, céus.

— Bom, é verdade — diz-lhe ela. — Tu foste, quer dizer, és, *fabuloso*.

— Não, de todo. — Curva-se para arrumar o seu clarinete. — Eu não valho dois caracóis, estive apenas a manter o lugar quente. Agora posso voltar para onde pertença. — Aponta para a secção de sopro.

— Isso é modéstia — contrapõe Rachel, sacudindo as suas madeixas de conto de fadas pelas costas da cadeira. — A tua paleta tonal possui *tantas* cores.

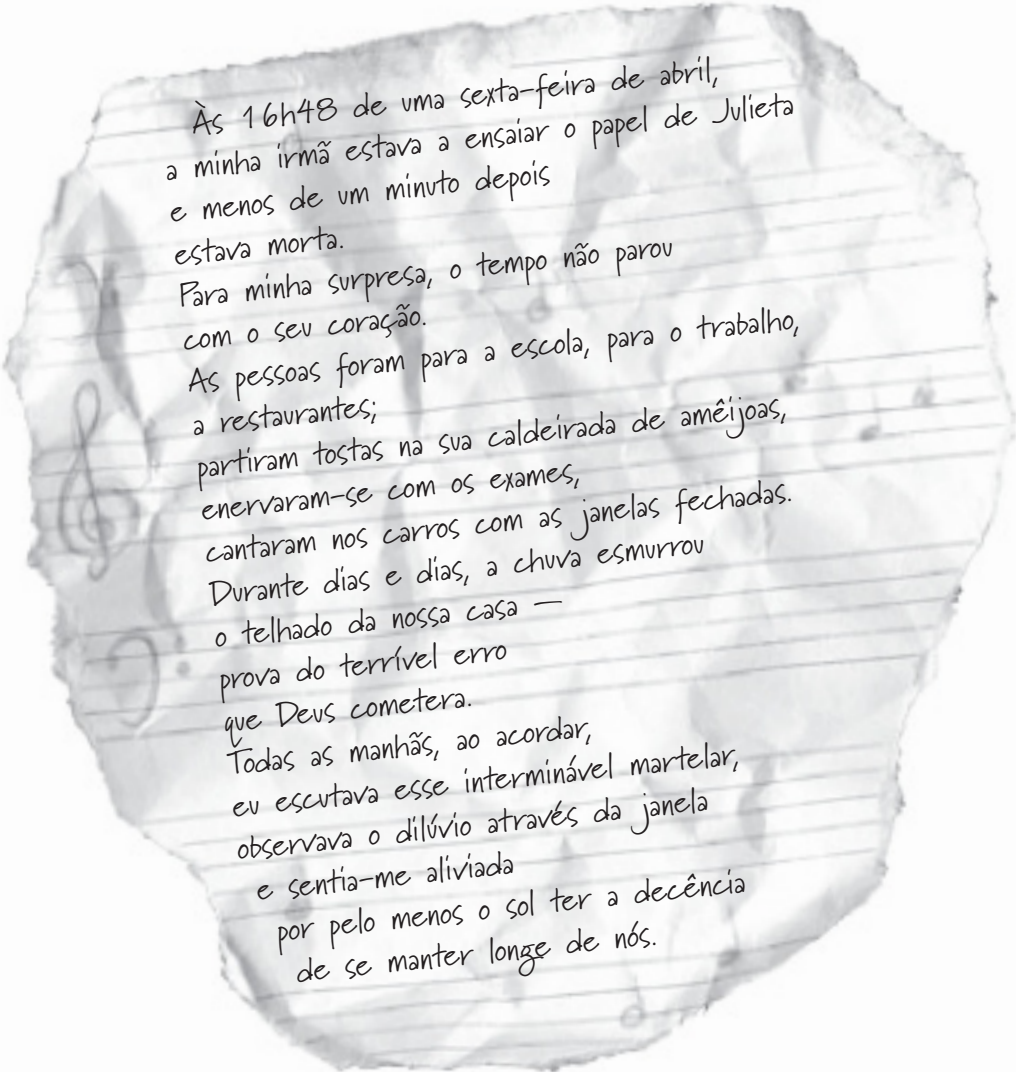
Olho para Joe esperando ver alguma prova de um resmungo interior perante a imbecilidade destas palavras, mas a prova que vejo é de outra coisa. O seu sorriso a Rachel tem proporções épicas. Sinto o calor subir-me à cabeça.

— Sabes que vou sentir a tua falta — diz ela, fazendo beicinho.

— Voltaremos a ver-nos — replica Joe, acrescentando um batimento de pestanas ao seu repertório. — Tipo, na próxima aula, em História.

Eu desapareci, o que é bom, realmente, porque de súbito não sei o que fazer da minha cara, do meu corpo ou do meu coração despedaçado. Ocupo o meu lugar, e noto que este idiota sorridente e de longas pestanas vindo de *Fronce* não se parece nada com Heathcliff. Eu estava enganada.

Abro o estojo do clarinete, levo a palheta aos lábios para a humedecer e, em vez disso, parto-a em dois com os dentes.



Às 16h48 de uma sexta-feira de abril,
a minha irmã estava a ensaiar o papel de Julieta
e menos de um minuto depois
estava morta.

Para minha surpresa, o tempo não parou
com o seu coração.

As pessoas foram para a escola, para o trabalho,
a restaurantes;

partiram tostas na sua caldeirada de amêijoas,
enervaram-se com os exames,

cantaram nos carros com as janelas fechadas.
Durante dias e dias, a chuva esmurrou

o telhado da nossa casa —
prova do terrível erro

que Deus cometera.

Todas as manhãs, ao acordar,
eu escutava esse interminável martelar,

observava o dilúvio através da janela
e sentia-me aliviada

por pelo menos o sol ter a decência
de se manter longe de nós.

(Encontrado num pedaço de partitura, espetada num ramo baixo, em Flying Man's Gulch)